

Sarney afirma que agora

Mudança começa com indicação do ministro da

REIO BRAZILIENSE Brasília, segunda-feira, 4 de janeiro de 1988 3

governará sozinho

Fazenda sem interferência dos partidos

MARILDA MASCARENHAS
Enviada Especial

São Luís — A nova estratégia política do presidente José Sarney já começa a funcionar no próximo final de semana. Sem nenhuma interferência ou pressão política, ele indica até a próxima segunda-feira o nome do novo ministro da Fazenda. Com essa decisão, o Presidente marca uma nova era no governo Sarney, seguindo uma recomendação do ex-presidente Tancredo Neves, que uma vez lhe ensinou: os cargos de chefe do Gabinete Civil e do Ministério da Fazenda têm que ser uma escolha pessoal do presidente da República.

O presidente deixou ontem ao meio dia a ilha de Curupu, onde estava descansando desde o dia 25, e almoçou em sua casa na Praia do Calhau em São Luís descontraindo e disposto a começar em Aracaju, onde cumpre seu primeiro compromisso público em 88 uma nova fase de governo. O Presidente recebeu jornalistas para uma conversa informal na porta de sua casa, ao lado de dona Marly, e anunciou alguns detalhes de seu novo estilo de governo. Disse que as escolhas de todos os outros ministros que passaram ou estão no seu governo foram negociadas com os partidos políticos. "Até hoje eu fiz isso, e os resultados não foram bons", afirmou.

O Presidente reconheceu que uma das grandes dificuldades de seu governo foi a falta de um programa partidário. "Tínhamos apenas um roteiro da Aliança Democrática, que segui fielmente". Com prejuízo para sua autoridade?, quis saber um

jornalista. O Presidente respondeu: Eu entrei no governo para o qual eu não havia sido escolhido. Eu estava preparado para ser vice-presidente, mas quando assumi a Presidência procurei me aprofundar nos problemas e nas decisões essenciais que nós tínhamos que tomar. Essa lacuna existia. Nós não tínhamos uma participação em um programa a ser seguido pelo governo.

O Presidente garantiu que a partir de agora as coisas mudam e ele deve assumir um governo seu, com alguns instrumentos fundamentais que foram feitos pela sua equipe. Esses instrumentos fazem parte: um orçamento unificado, que para o Presidente é uma visão das contas públicas e transparentes, um plano de ação governamental e um plano macroeconômico. Com isso, acredita o Presidente, "podemos traçar uma linha de governo".

A indagação se é por isso que ele reivindica mais um ano de mandato, para que possa pôr em prática esses instrumentos, o Presidente respondeu com tranquilidade: "O problema de duração do seu mandato, nunca foi um problema pessoal meu. Foi um problema político de interesse do País. Eu nunca tive a sedução indomável pelo poder, e não sei se isso é defeito ou virtude".

O Presidente falou com entusiasmo das expectativas do governo para 88. Antes, porém, fez questão de lembrar que até chegar ao estágio atual teve que recompor o quadro institucional do País, fazendo uma conquista importante que até hoje ninguém deu muita importância: "A consolidação do poder civil, que naqueles dias, era

multo difícil". Depois, Sarney lembrou que foi tentada uma solução diferente: "Saímos da ortodoxia econômica para a experiência heterodoxa, mas infelizmente não tivemos o sucesso esperado", lamentou.

Sobre isso, o Presidente também fez questão de comentar que não faltou o apoio do povo, mas das elites. "Tentamos fazer uma mudança profunda no País. Mas tivemos que enfrentar uma esquerda retrógrada e uma direita reacionária. Não fomos felizes na formulação do Plano Cruzado II. Estas elites queriam a política da terra arrasada". O Presidente também se queixou: "Não há coisa pior do que uma hipótese não realizada, do que uma hipótese contrariada pelos fatos". Nesse momento, o Presidente foi interrompido por dona Marly, que se dirigiu aos jornalistas: "Isso não é uma lamentação. É uma realidade".

Sarney retomou a conversa sobre as expectativas para 88, explicando que com todos os instrumentos que criou nas mãos, pretende ter em 88 uma nova postura, mais independente. Mas ressaltou, em seguida: "Nasci político, cresci político e vou morrer político. E sempre disse: a política só tem uma porta de entrada e não tem de saída e acho que ninguém pode governar um país sem partidos políticos, principalmente agora que o Brasil está numa democracia". O Presidente concluiu seu raciocínio, declarando: "Eu acho que o grande problema do País é a falta de partidos políticos fortes e que tenham uma tradição partidária. O que temos são partidos ainda em formação, sem nenhuma unidade ou homogeneidade".

Bronzeado e bem disposto na volta

ESTER MARQUES
Correspondente

São Luís — Mostrando-se bem disposto, bronzeado e com vontade para conversar, o presidente José Sarney chegou ontem à capital, depois de passar 12 dias descansando na ilha de Curupu, mantendo contato apenas com pessoas da família. O roteiro do seu retorno, confirmado pelo filho mais velho, Fernando Sarney, foi totalmente refeito e até o almoço que estava programado para acontecer na ilha teve que ser transferido para sua casa na Praia do Calhau.

Dona Marly, por sua vez, saiu logo cedo num helicóptero Esquillo da FAB com destino à cidade de São José de Ribamar, a 15 quilômetros da capital, onde

inaugurou o Centro Educacional Cenecista, que faz parte da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, da qual é presidente. Ela chegou às 10h20, fez um breve discurso observando que aquela era a primeira obra pública inaugurada em 88 e depois seguiu para a Praia do Calhau onde o presidente José Sarney e dona Kiola a esperavam.

O movimento em frente à casa, depois do meio-dia foi intenso obrigando os seguranças a reforçarem o esquema presidencial. Um carro do Exército chegou às 13h10 trazendo vários depósitos que foram utilizados pela família na ilha, e, logo depois, outro carro chegou trazendo um balde de camarões frescos que seriam servidos no almoço, conforme ressaltou dona Marly.

As 13h20, quando o Presidente

apareceu para dar uma rápida entrevista, junto com dona Marly, estava sorridente e bem disposto. Ele disse que conseguiu descansar bem, lendo romances, passeando, comendo peixe pedra e bebendo licor. O réveillon que havia sido programado para a ilha também foi desfeito pelo Presidente que preferiu ficar em casa e passar o final de ano ao lado dos pescadores, residentes em Curupu.

Ao confirmar sua viagem de volta a Brasília, o Presidente e dona Marly desejaram ao grupo de jornalistas um ano bom e que a categoria consiga realizar uma boa cobertura política do Brasil em 88. Sarney segue hoje para a capital federal, mas antes passa em Sergipe onde inaugura um projeto destinado a atender famílias que ganham salário mínimo.